

# “EU FIZ UMA CONSULTA”

SENADOR ARRUDA REAFIRMA QUE NÃO PRESSIONOU REGINA BORGES A VIOLAR PAINEL

## ROBERTO SATURNINO

{RELATOR DA COMISSÃO DE ÉTICA}

Senhor presidente, quero começar colocando em confronto, a fim de tirar dúvidas, as declarações do senador Arruda (José Roberto Arruda (sem partido-DF)) e da doutora Regina Célia (ex-diretora do Prodasen). Há conflitos claros entre as declarações, os depoimentos de ambos.

A doutora Regina Célia contou-nos, em seu depoimento, que foi procurada, na véspera da votação referente à cassação do Senador Luiz Estevão (cassado em 28 de junho do ano passado por causa de seu envolvimento com o desvio de dinheiro da obra do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo), foi procurada pelo senador Arruda, que lhe pediu que fosse à sua casa. Ela foi, e, na conversa que travaram, o senador Arruda trouxe a ela a preocupação que havia com o sistema de votação secreta do Senado, indagando-lhe se ela tinha condições de retirar, após a votação, a lista dos votos dos senadores e, se fosse possível, que o presidente senador Antonio Carlos Magalhães gostaria de ter essa relação.

A doutora Regina disse que tinha dúvidas, que não podia responder porque não tinha competência para dizer de imediato se era possível isso, mas que iria procurar fazer o que lhe era pedido e, ao fim desse encontro, ela declarou, a última frase ou das últimas frases que disse é que iria cumprir uma ordem, cumprir uma determinação: que ela tinha tomado aquela conversa como uma ordem, uma determinação. Começaria indagando da doutora Regina — evidentemente com a alteração de palavras, porque nenhum de nós pode reconstituí-las inteiramente —, se ela confirma esse depoimento prestado à Comissão mais ou menos nesses termos.

## REGINA BORGES

— Perfeitamente, confirmo.

## SATURNINO

— Então vou pedir também a confirmação ao senador Arruda, do seu depoimento. O senador Arruda nos contou que tivera naquele dia, naquela tarde, uma conversa com o presidente senador Antonio Carlos Magalhães sobre rumores que corriam no Senado a respeito da possibilidade de ser alterado o resultado da votação que iria ocorrer no dia seguinte, a cassação do Senador Luiz Estevão. O senador Antonio Carlos, preocupado, concordou em que ele se dirigisse à doutora Regina — isso nas palavras dele (Arruda). Ele disse que então iria fazer uma consulta à doutora Regina. Perguntou se poderia usar o nome do presidente e teve o assentimento; pediu à doutora Regina que fosse a sua casa e nessa conversa apresentou-lhe simplesmente uma consulta: se era possível interferir, de qualquer maneira, seja para retirar o resultado da votação, seja eventualmente para mudar até o resultado. Apenas apresentou uma consulta à doutora Regina, e ela teria tomado essa consulta como uma ordem ou um pedido.

Vou pedir a confirmação do senador Arruda, tal qual pedi à doutora Regina. Entretanto, antes de pedir a confirmação ao senador Arruda, sinto-me no dever de dizer a Sua Excelência que para mim é difícil acreditar na versão trazida por ele. Por quê? Estou dizendo isso antes...

## RAMEZ TEBET

{PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ÉTICA}

— Senhor relator, as perguntas devem que ser rapidamente apresentadas.

## SATURNINO

— Sim, senhor presidente, acontece que é importante para alertar, para revisar a lembrança do senador, mostrar-lhe as contradições do seu próprio depoimento. Estou tratando não apenas das contradições entre os depoimentos do senador José Roberto Arruda e da doutora Regina Borges, mas das contradições do próprio depoimento de Sua Excelência.

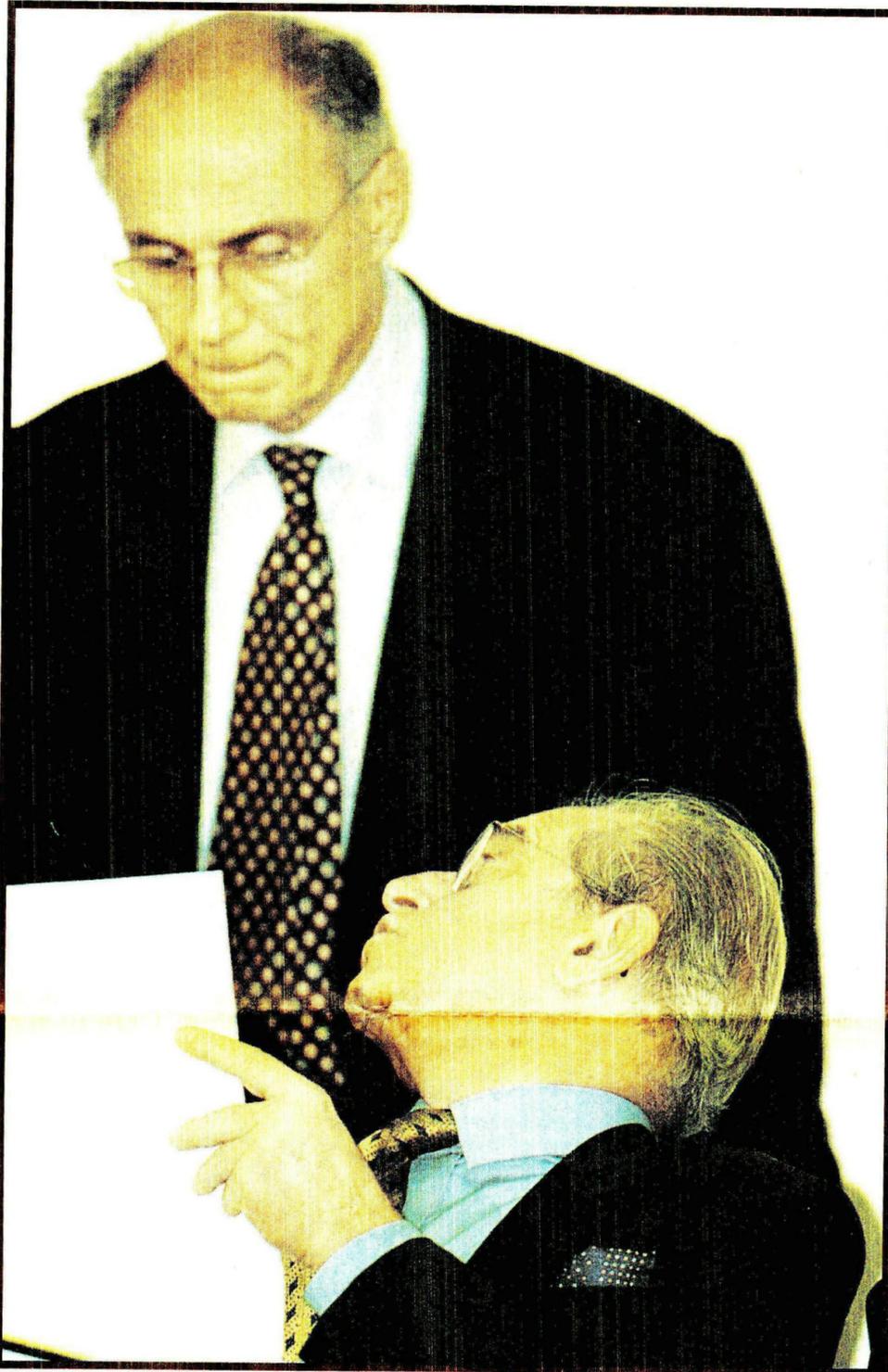
## RAMEZ TEBET

— Vossa Excelência entendeu, senador José Roberto Arruda?

## ARRUDA

— Claro.

Carlos Moura



RAMEZ TEBET E EDUARDO SUPLICY: ACAREAÇÃO É PROCEDIMENTO INÉDITO NA HISTÓRIA DO SENADO

## SATURNINO

— Senhor presidente, não conclui a pergunta.

## RAMEZ TEBET

— Conclua a pergunta, por favor.

## SATURNINO

— Sua Excelência diz que fez apenas a consulta porque estava preocupado com a possibilidade de alteração. Mas esta declaração, este comportamento teria como consequência o interesse de Sua Excelência pela resposta à consulta naquela mesma noite, porque a consulta fora feita, segundo o depoimento dele, para garantir o Senado contra possíveis manipulações dos votos. Se se tratava de uma consulta, teria de ser seguida de uma verificação da possibilidade de ocorrer, porque, se a doutora Regina Borges confirmasse que era possível, haveria obrigação de mudar o sistema de votação para impedir que aquilo ocorresse.

## RAMEZ TEBET

— Senador relator, vamos para a objetividade. Qual a pergunta que Vossa Excelência dirige ao senador José Roberto Arruda?

## SATURNINO

— A minha pergunta é como Sua Excelência explica essa e outras contradições. Sua Excelência vai confirmar o que disse, contradizendo-se com o que disse a doutora Regina Borges — existentes dentro do seu próprio depoimento. Seria espantosa a desinteligência da doutora Regina Borges diante de todas as providências e do empenho que Sua Excelência demonstrou. Seria, também, a manifestação de surpresa de que Sua

Excelência disse que foi tomado, pois não se interessou pelo resultado da consulta. Foi tomado de surpresa ao receber a lista, depois de todo o empenho da doutora Regina Borges, e apressou-se em levar a lista ao senador presidente. Há, no próprio depoimento de Sua Excelência, uma contradição que precisa ser esclarecida. Precisa haver não apenas o confronto com o que disse a doutora Regina Borges, mas exatamente explicação quanto às contradições que existem dentro das suas próprias declarações. É o que quero perguntar ao Senador.

## RAMEZ TEBET

— Muito bem. Vossa Excelência entendeu, senador José Roberto Arruda?

## ARRUDA

— Entendi. Com o maior respeito, senador Roberto Saturnino, embora seja um desafio tentar convencê-lo daquilo que previamente Vossa Excelência já se diz convencido do contrário. Vossa Excelência objetivamente coloca duas contradições. A primeira relaciona-se ao que diz a doutora Regina Borges. Quero reafirmar o discurso que fiz no plenário, o depoimento que fiz na Comissão. Esta frase que a doutora Regina Borges, de resto, atribui a ela própria (“Saio daqui para cumprir uma ordem”) não houve, nem tinha nenhuma relação com o teor da conversa, uma consulta amena, tranquila. Esta frase especificamente não cabe, não compõe o contexto do que se passou na conversa. Sobre a segunda composição, senador Roberto Saturnino, mais que a minha palavra, devemos tomar as palavras da própria doutora Regina Borges, que veio aqui, no seu depoimento, com

muita clareza, para dizer a verdade. Ela disse no seu depoimento: “Encarei como uma ordem”. Encarei é a forma que ela interpretou a consulta que fiz. Não posso entrar no mérito do julgamento da sua interpretação.

## RAMEZ TEBET

— Penso que Vossa Excelência respondeu.

## ARRUDA

— Se me permite, quero completar a explicação. Esse ponto é fundamental, sobre o qual refleti muito — penso que todos refletimos —, e gostaria de respondê-lo, se me permite, por inteiro.

## RAMEZ TEBET

— Sem considerações, por favor. Pois não, senador.

## ARRUDA

— O segundo ponto que também, de certa forma, responde a esta dúvida que Vossa Excelência, senador Roberto Saturnino, coloca é o depoimento do marido da doutora Regina Borges. Perguntado pelo Senador Osmar Dias, de forma incisiva, repetitiva: “Foi uma ordem?”. “Não”. “Não foi uma ordem?”. “Não, não foi uma ordem”. Consta do seu depoimento. A doutora Regina Borges, num outro trecho, ao falar a mesma coisa, diz assim: “Digamos assim: foi uma ordem”. Eu entendo... Não tenho como deixar de fazer considerações para tentar elucidar o problema, mas objetivamente.

## RAMEZ TEBET

— Vossa Excelência pode ler o trecho em que ela fala.

## ARRUDA

— Exatamente.

## RAMEZ TEBET

— E é isso aí.

## ARRUDA

— Não.

## RAMEZ TEBET

— Leia o trecho que Vossa Excelência quer que ela fale e pronto. Não é isso?

## ARRUDA

— Senador Ramez Tebet, eu vou tentar explicar a contradição que o senador Roberto Saturnino me pede. O trecho é esse...

## RAMEZ TEBET

— Com base no depoimento dela e no seu.

## ARRUDA

— Com base nos dois depoimentos e com base nas considerações que fiz.

## RAMEZ TEBET

— Tudo bem.

## ARRUDA

— Muito bem. No mesmo depoimento, a doutora Regina... eu contei doze vezes que ela fala “pedido”. Não sei se estarei rompendo alguma ordem de fazer uma consideração que me pareceu óbvia, até porque foi feita por dezenas de senadores nos depoimentos anteriores. Eu não sei quais os sentimentos da doutora Regina em relação ao senador Antonio Carlos Magalhães, que era o presidente da Casa e que era, portanto, o seu chefe; se ela tinha medo, se tinha constrangimento, eu não sei. E, se por isso, por esse sentimento, ela interpreta uma consulta tranquila que lhe fiz como outra coisa. Aí, realmente, eu não posso dizer. Até aceito que tenha tido essa indução.

Não estou aqui julgando má-fé de ninguém. Ao contrário: estamos aqui para esclarecer os fatos. Agora, eu estou convencido — e reafirmo o depoimento que fiz — que fiz uma consulta. Mas, mais ainda que as minhas palavras ou as palavras da própria doutora Regina, senador Roberto Saturnino, tem um fato concreto que foi contado aqui diversas vezes, por diversas pessoas, em diversos momentos, e são coincidentes.

A doutora Regina tomou lá as providências que julgou próprias. Como resultado disso, houve, de fato, um documento que é uma lista de votação. Ainda que o tenhamos encarado, a doutora Regina, o senador Antonio Carlos Magalhães e eu, como uma prova do bom funcionamento do sistema, está claro, depois do episódio, que não era a melhor prova, que era prova até do contrário. Mas quando chega essa prova, qual é a minha reação? Eu deixei muito claro aqui: queimou a minha mão. Quando eu levo ao senador Antonio Carlos Magalhães, qual é o diálogo que há?

“Está sentado?”

“Não. Não está vendo que estou sentado?”

Essa estupefação, essa perplexidade é o primeiro sentimento de todos nós. Eu reconheci também — e devo ser muito franco — dizer que se seguiu um outro, talvez muito menos nobre, talvez nascido de uma fraqueza humana, que é o da curiosidade.

Seguiram-se comentários, tudo isso, e esta falha eu já assentei. Há mais um detalhe importante, senhor relator, que não sei se ficou claro no meu depoimento, que concerne a este ponto. Isto aconteceu em vinte e oito de junho, me parece. Só depois, agora, este ano, em fevereiro ou março, não sei exatamente, quando a eventual conversa com os procuradores tornou-se pública e que aí conversei com a doutora Regina e outras pessoas conversaram com a doutora Regina, só aí que eu tomei conhecimento de como ela tinha processado aquelas preocupações que eu havia repassado, como ela havia agido, talvez pela pressa, a única forma de agir, as pessoas que tinha envolvido e tudo o que tinha sido feito. Nesses sete, oito ou sei lá quantos meses, eu não soube daquilo que havia se passado.